

PEDAGOGIA E TECNOLOGIAS: POSSIBILIDADES E DESAFIOS VIVENCIADOS NA CIBERCULTURA

PEDAGOGY AND TECHNOLOGIES: POSSIBILITIES AND
CHALLENGES EXPERIENCED IN CYBERCULTURE

Alexsandra Barbosa da Silva

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

alexsandra@uerj.br | <https://orcid.org/0000-0001-5690-2917>

Resumo

O artigo aqui apresentado tem como objetivo narrar o percurso formativo do profissional da pedagogia atuando na área de tecnologias no âmbito universitário, tendo como lócus de atuação a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no Laboratório de Tecnologias de Informação e Comunicação (LaTIC) da Pró-reitoria de Graduação (PR-1), com a finalidade de apresentar por meio da experiência vivida na universidade alguns projetos que articulam as tecnologias digitais em rede com as ações pedagógicas na graduação presencial da universidade. Trata-se de uma abordagem cotidianista (ALVES, 2008, CERTEAU, 2014) ao buscar narrativas e experiências para dialogar sobre a temática que envolve pedagogia e tecnologia. Como resultado ressaltamos a importância de uma aprendizagem contínua e curiosa sobre os fenômenos da cibercultura no âmbito da educação para que seja possível a partir do conhecimento técnico das interfaces '*pensarfazer*' propostas pedagógicas que envolvam as tecnologias nas diversas práticas educativas '*dentrofora*' da sala de aula.

Palavras-chave: Pedagogia. Tecnologias. Cibercultura

PEDAGOGY AND TECHNOLOGIES: POSSIBILITIES AND CHALLENGES EXPERIENCED IN CYBERCULTURE

Abstract

The article presented here aims to narrate the training path of the pedagogy professional working in the area of technologies at the university level, having as a locus of action the University of the State of Rio de Janeiro (UERJ), at the Laboratory of Information and Communication Technologies (LaTIC) of the Pro-Rector of Graduation (PR-1), with the purpose of presenting, through the experience lived at the university, some projects that articulate the digital technologies in a network with the pedagogical actions in the university's face-to-face graduation. It is an everyday approach (ALVES, 2008, CERTEAU, 2014) when seeking narratives and experiences to dialogue on the theme that involves pedagogy and technology. As a result, we emphasize the importance of continuous and curious learning about the phenomena of cyberculture in the field of education so that it is possible, from the technical knowledge of the 'thinking and doing' interfaces, to make

A R T I G O

Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição - Não comercial - Compartilhar igual 4.0 Internacional.



pedagogical proposals that involve technologies in the various educational practices 'inside out' of the classroom.

Keywords: Pedagogy. Technologies. Cyberculture

PEDAGOGIA Y TECNOLOGÍAS: POSIBILIDADES Y DESAFÍOS VIVIDOS EN LA CIBERCULTURA

Resumen

El artículo aquí presentado tiene como objetivo narrar el camino de formación del profesional de la pedagogía que actúa en el área de tecnologías a nivel universitario, teniendo como locus de acción la Universidad del Estado de Río de Janeiro (UERJ), en el Laboratorio de Tecnologías de la Información y la Comunicación (LaTIC) de la Prorectoría de Graduación (PR-1), con el propósito de presentar, a través de la experiencia vivida en la universidad, algunos proyectos que articulan las tecnologías digitales en red con las acciones pedagógicas en la graduación presencial de la universidad. Es un abordaje cotidiano (ALVES, 2008, CERTEAU, 2014) en la búsqueda de narrativas y experiencias para dialogar sobre la temática que envuelve pedagogía y tecnología. Como resultado, destacamos la importancia del aprendizaje continuo y curioso sobre los fenómenos de la cibercultura en el campo de la educación para que sea posible, desde el conocimiento técnico de las interfaces 'pensar y hacer', realizar propuestas pedagógicas que involucren tecnologías en las diversas prácticas educativas 'de adentro hacia afuera' del aula.

Palabras clave: Pedagogía. Tecnologías. Cibercultura

Introdução

De modo constante a cibercultura vem alterando a forma como nos relacionamos e produzimos saber, para Levy (1999) qualquer reflexão sobre o futuro dos sistemas de educação e de formação na cibercultura deve ser fundada em uma análise prévia da mutação contemporânea da relação com o saber.

De acordo com Santos (2012) cibercultura é a cultura contemporânea estruturada pelas tecnologias digitais em rede e que vem se caracterizando atualmente pela emergência da mobilidade ubíqua em conectividade com o ciberespaço e as cidades, portanto, ela vem alterando os modos de '*pensarfazer*'¹ a educação nos processos de '*aprendizagemensino*'.

¹ Adotamos o uso dos termos '*aprendizagemensino*', '*espaçotempos*', '*fazeressaberesfazeres*', '*dentrofora*', entre outros, escritos de forma diferenciada, pois nos inspiramos no referencial teórico de Nilda Alves sobre as pesquisas com os cotidianos. Para a autora: "A junção de termos e a sua inversão, em alguns casos, quanto ao modo como são 'normalmente' enunciados, nos pareceu, há algum tempo, a forma de mostrar os limites para as pesquisas com os cotidianos, do modo dicotomizado criado pela ciência moderna para analisar a sociedade" (ALVES, 2008, p.11).

Atualmente ensinamos e aprendemos, entre outras coisas, com os dispositivos móveis, *smartphones*, *tablets*, aplicativos, jogos com realidade virtual, realidade aumentada, em Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) em mobilidade e em rede ao estarmos conectados à internet. Nesse sentido, faz-se necessária a reflexão sobre a relação que nós estabelecemos com o saber e a produção do conhecimento na contemporaneidade e os vínculos estabelecidos entre a pedagogia e as tecnologias.

Os artefatos tecnológicos utilizados nas ações pedagógicas em sala de aula podem ser desde o quadro negro ou branco até os recursos digitais, como por exemplo, o *Padlet*, *TikTok* e outros aplicativos e interfaces digitais, estando esses últimos cada vez mais presentes, uma vez que todos nós vivemos a cibercultura e em nosso cotidiano já fazemos uso desse digital em nossas vidas.

Como a escola não está apartada obviamente da sociedade e da cultura ao qual está inserida, ela produz cultura juntamente com os seus praticantes culturais², professores e estudantes, que criam, recriam com suas táticas e astúcias, fazendo uso do digital que atravessa a sala de aula.

E nessa relação entre pedagogia e cibercultura muitos são os desafios, mas também muitas são as possibilidades. Infelizmente sabemos que nem todos têm acesso a dispositivos que acompanhem as transformações tecnológicas com a mesma velocidade em que mudam as interfaces e aplicativos e a uma internet boa, de qualidade que dê conta de algumas atividades pedagógicas *online*. Desafio esse vivido e potencializado com a pandemia da COVID-19 que, para que houvesse um distanciamento físico entre as pessoas, teve o digital e o *online* como única possibilidade para que aulas fossem realizadas.

² Expressão utilizada por Certeau (2014) para designar os indivíduos que criam e recriam com suas astúcias e táticas, sua arte de fazer no cotidiano, suas invenções com o que lhe é posto pela sociedade.

Sendo assim, ao mesmo tempo em que existem muitos desafios ainda a serem discutidos para que tenhamos políticas públicas que deem o acesso a todos a internet e permitam ações pedagógicas com uso do digital de modo mais acessível, sabemos do potencial que as tecnologias trazem para a educação, como podem ser aliadas e colaborar para ensinarmos e aprendermos de maneira mais sintonizada com a nossa cultura, a cibercultura.

E foi nesse contexto que iniciei minha vida profissional em 2012 no Laboratório de Tecnologias de Informação e Comunicação (LaTIC)³ atuando como pedagoga na área de tecnologia e educação e, posteriormente, também minha itinerância acadêmica ingressando no Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (GPDOC)⁴ em 2016 para a realização do mestrado e mais recentemente, em 2023, no doutorado com o Grupo de Pesquisa Educação e Cibercultura (EDUCIBER)⁵.

Entre itinerâncias e errâncias

Neste artigo, preferimos utilizar as noções de ‘itinerância e errância’⁶, à de trajetória, por entendermos que esta, fundamentada na ordem, na prescrição e na contenção, marca o início e o fim de um itinerário.

Como contraponto, a noção de itinerância privilegia o caminhar, como dispositivo de alter-ação, que leva em conta a relação com o outro e a possibilidade de fazer escolhas num processo contínuo de constituição da autonomia, assegura Ardoino (1998).

A errância, por sua vez, na qual o erro é visto sempre como um caminho construtivo, possibilita o desenvolvimento da criatividade, ao

³ <http://www.latic.uerj.br/>

⁴ <http://docenciaonline.pro.br/moodle>

⁵ <https://www.educiber.pro.br/>

⁶ Para Macedo (2000), inspirado em René Barbier, a itinerância representa um percurso de itinerários múltiplos e contraditórios, e as errâncias os ruídos, os equívocos, os erros desse percurso que compõem o nosso processo formativo.

contemplar as emergências. Portanto, entre ‘itinerâncias e errâncias’, narro parte da minha história permeada pelas tecnologias digitais, e que me levaram a pesquisar o tema *Educação Online* (EOL) na formação do professor, em geral, e do pedagogo, em particular.

Sob esse ângulo, o primeiro contato que tive com o computador ocorreu, por volta do ano de 1996, quando eu tinha 9 anos de idade. Minha mãe trabalhava em uma casa na qual um dos filhos do seu patrão prontificou-se a me ensinar a usar essa máquina. Apesar de sua boa vontade, eu não conseguia aprender. Talvez lhe tenha faltado um pouco de didática, pois eu não conhecia os periféricos, nem o que era um navegador ou, mesmo, o que era a *Internet*. O fato é que, para mim, não fazia o menor sentido sentar-me à frente do computador ligado e escrever o tal de “http://”. Resultado: desisti das aulas e ele desistiu de tentar me ensinar.

Em 2001, a Wikipédia - uma enciclopédia multilíngue, *online* e livre, cujo conteúdo é desenvolvido pelo público interagente, de forma cooperativa, surgia como uma grande novidade. À época, fazia-se pouco ou nenhum uso de enciclopédias *online*, e a leitura quase sempre era feita por meio de textos impressos.

No entanto, nos classificados de emprego da cidade do Rio de Janeiro, eu percebia que um dos requisitos para ingresso no mercado de trabalho à época era possuir conhecimentos em Informática; o que me levou a “redescobrir” o computador de mesa desktop, e com ele interagir, para conhecer suas funções, usos e potencialidades.

Na Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC-RJ), cursei, de modo concomitante, o ensino médio e o técnico em Administração de Empresas. Na grade desse curso havia aulas de Informática, o que favorecia o uso do computador e suas interfaces. Alguns professores exigiam que os trabalhos solicitados fossem entregues, de forma digitalizada. Como eu não possuía computador em casa, contava sempre com a colaboração de alguns colegas que, geralmente, digitavam e imprimiam meu trabalho.

Por essa razão, ainda que eu pertença ao grupo comumente chamado *Geração Y*⁷, ou *Geração do Milênio*, ou, ainda, *Geração da Internet ou Digital*, o meu contato com a Internet e com as mídias digitais foi e continua sendo restrito, dado às dificuldades de acesso, pois, de acordo com as empresas que disponibilizam *Internet Banda Larga*⁸, não há rede na região onde moro. Como alternativa, desde que iniciei a graduação em 2005, utilizo um dispositivo móvel, que me ajudou bastante e recentemente uma internet local.

Ao final do curso técnico, comecei a fazer estágio no Departamento de Administração de Recursos Humanos (DEARH/SRH) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ali despontava o meu desejo de estudar e me tornar aluna desta Instituição; o que se realizou no segundo semestre de 2006, quando fui aprovada para o curso de Pedagogia.

Jamais poderia imaginar que esse vínculo pudesse ser tão duradouro: de estagiária, ainda no ensino médio (e, posteriormente, contratada), a estudante da graduação e, agora, servidora pública, mestre e doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (Proped/UERJ), comprometida com a pesquisa e suas práticas neste cotidiano escolar.

Foi em 2010 que participei do concurso para pedagogo da UERJ, tendo obtido aprovação. Em 2012, para minha surpresa, e desafio, fui lotada no Laboratório de Tecnologias de Informação e Comunicação (LaTIC), que é subordinado ao DAPI (Departamento de Desenvolvimento Acadêmico e Projetos de Inovação) vinculado à Pro-reitoria de graduação (PR-1) da UERJ.

O LaTIC, hoje coordenado por mim, foi antes gerido pela Pedagoga e Prof^a Dr^a Marcia Taborda, o que foi fundamental para que eu me desenvolvesse nessa área - um referencial para minha prática como

⁷ A geração Y (também chamada **geração** do milênio, **geração** da internet, ou Millennials) é um conceito em Sociologia que se refere, segundo alguns autores, como Don Tapscott, à corte dos nascidos após 1980 e, segundo outros, do início da década de 1980 até meados da década de 1990, sendo sucedida pela **geração** Z. Disponível em: <http://www.infoescola.com/sociedade/geracao-y>. Acessado em: 16.08.2017.

⁸ Capacidade de transmissão que permite ao usuário navegar em alta velocidade. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Banda_larga. Acessado em: 16.08.2017.

pedagoga. Desde, então, tenho procurado pesquisar temas relacionados às tecnologias digitais na Educação e a Educação *Online*, ao mesmo tempo em que lido na prática com os artefatos tecnológicos que fazem parte do cotidiano do laboratório, pois como afirma Paulo Freire (2003, p. 61), “é fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal maneira que num dado momento a tua fala seja a tua prática”.

Sendo assim, nesse caminhar enquanto pedagoga atuando na área de tecnologia foi fundamental o meu movimento de *‘prácticateoriaprática’*, pois o meu campo de estudo era e é a minha própria prática pedagógica no LaTIC e a partir dessa prática busco teorias que me ajudem nesse cotidiano no laboratório para retornar com novas práticas e possibilidades de *‘aprenderensinar’* com o uso das tecnologias.

Foi nesse movimento que busquei estudar alguns autores, tais como: Marco Silva, Edméa Santos, António Nóvoa, Nilda Alves, Michel de Certeau, Pierre Levy, Lucia Santaella, André Lemos, Roberto Sidnei Macedo e outros que me ajudaram a compreender os fenômenos da cibercultura, a docência *online*, os cotidianos e a formação nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem, autores com os quais dialogo até os dias atuais permanecendo nesse constante movimento e nessa teia de múltiplas redes formativas e, dessa forma, capacitando-me a ter uma atuação melhor nessa área.

Evocar essas memórias e narrar esse olhar, não para transcrevê-lo, mas para constituí-lo, enseja um leque de possibilidades e desvelamentos. Diante delas, “o passado e/ou o presente é (são) reconfigurado(s), dado que as narrativas não buscam um tempo homogêneo e vazio; mas um tempo pleno de agoras” (AMARAL 2014, p. 87).

Isso é importante para entendermos as situações do cotidiano que nos formam e que existem em potência num estágio embrionário, preparando-se para surgir num momento posterior; o que torna necessário, “saber lidar com a intuição, com as itinerâncias e as errâncias compreensivas” (MACEDO, 2016, p. 32).

Hoje boa parte das minhas atividades desenvolvidas na UERJ são referentes ao *MOODLE*⁹. Meu primeiro contato com esse software de gerenciamento de cursos *online*, foi no curso de especialização em Supervisão Escolar do Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM).

Essa experiência tocou-me, profundamente, na medida em que me possibilitou conhecer a dinâmica dessa ambiência formativa (SANTOS, R., 2015), abrindo espaço a minha transformação profissional, dado que, entre as várias atividades que desenvolvo nos projetos do laboratório está o gerenciamento dessa plataforma, que constituiu o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), dedicado aos estudantes da graduação presencial da universidade.

Além disso, o Laboratório oferece aos professores da universidade uma formação básica para uso das interfaces de conteúdo e de comunicação presentes no AVA e coloca seus profissionais à disposição para esclarecimentos de dúvidas que se façam necessários.

Para compreender melhor o fenômeno da Educação *Online* no cotidiano escolar, vivenciado na universidade, em 2015 cursei a disciplina Tópicos Especiais em Educação: imagens, sons e narrativas em pesquisas com os cotidianos em educação, ministrada pela Professora Nilda Alves, no curso de Mestrado em Educação da Faculdade de Formação de Professores (FFP/UERJ).

Nesse contexto e, por sugestão da professora Nilda Alves, participei da seleção de ingresso ao mestrado para o Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura – GPDOC, coordenado pela Prof^a Edméa Santos que, no âmbito da linha Cotidianos, procura compreender os fenômenos da Cibercultura,

⁹ O programa MOODLE (Modular, Object-Oriented Dynamic Learning Environment) foi concebido por Martin Dougiamas em 1999, na Curtin University of Technology, em Perth, na Austrália” (SILVA, R., S., 2013, p. 2). É um software livre e gratuito e agrega uma comunidade de programadores do mundo inteiro que criam conteúdos abertos (plugins) para o programa; é o programa mais usado mundialmente para criação de ambiente *online* de aprendizagem. Está disponível pelo menos em 75 línguas diferentes, conta com 25.000 websites registrados, em mais de 175 países.

particularmente os que dizem respeito aos processos educacionais, como a educação e docência *online*, entre outros.

Desde 2016, quando ingressei no Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (Proped/UERJ) vivenciei múltiplos momentos formativos '*dentrofora*' da Universidade, participando de diversos eventos como palestras, congressos, encontros, seminários com o grupo de pesquisa, entre outros, que muito colaboraram para o meu processo formativo.

Tornar-me membro do GPDOC exigiu-me, além do domínio da linguagem institucional e o reconhecimento de suas regras implícitas, a consciência de que outras redes precisavam ser tecidas, tendo em vista novas descobertas. Na medida em que crescia o sentido de alteridade e de pertencimento a esse grupo, nas relações dialógicas estabelecidas nos diferentes '*espaçostempos*' de aprendizagem, cocriava meus dispositivos de pesquisa, ampliava meu repertório, colaborava e compartilhava meus '*saberesfazeres*', resultantes dos estudos realizados.

Durante o mestrado, tive a experiência de uma docência partilhada no meu estágio docente e campo de pesquisa realizados na disciplina Tecnologia e Educação do curso de graduação em Pedagogia da UERJ, em parceria com minha orientadora no mestrado Edméa Santos (docente responsável pela disciplina) e a docente-pesquisadora Vivian Martins; o que muito enriqueceu nosso processo formativo e dos praticantes, no qual a partilha de sentimentos, saberes e fazeres cotidianos oportunizava uma prática pedagógica dialógica, colaborativa e interativa, na tessitura dos conhecimentos.

Como um ser inacabado, em permanente processo de construção, o sujeito que se abre ao mundo e se constitui pelo reconhecimento do outro, inaugura com seu gesto uma relação dialógica, resultado fugaz e transitório do processo de subjetivação por que passa ao longo de sua história; algo não conclusivo, em permanente movimento. Desse modo, afirma Touraine (1995), que se é pelo outro que o homem se constitui, a

condição primeira de sua existência e de sua liberdade consiste em respeitá-lo.

Atuar, nessa perspectiva, requer do professor reflexão e reconstrução permanente de suas identidades pessoais e profissionais, para que possa mudar o meio e suas práticas. Isso demanda apreender o cotidiano em seus mínimos detalhes, mergulhar com todos os sentidos naquilo que desejamos atuar, registrando impressões e pondo em evidência as práticas invisíveis ao olhar totalizante, em relação às quais, táticas e usos nos remetem a formas específicas de operar (maneiras de fazer), a partir não apenas do diálogo interno, mas, sobretudo, do diálogo com os praticantes, como acentua Certeau (2014).

Assim, mergulhada nesse contexto das tecnologias, enquanto pedagoga no LaTIC tenho uma rotina permeada por diversos projetos para a graduação, ademais dos atendimentos a docentes e estudantes, participei e ainda participo de vários projetos para a graduação da UERJ com o objetivo evidenciar as possibilidades de uso das tecnologias na graduação presencial, tais como: a Revista Aproximando; o Portal de Publicações Eletrônicas do LaTIC; Desenvolvimento de Materiais Audiovisual para Web; O aluno de pedagogia e de informática no gerenciamento do AVA; e o projeto já mencionado, Uerjianos pelo mundo que é coordenado por mim desde 2013 até o momento.

Nessa atuação com os projetos tive a oportunidade de atuar também na supervisão de vários bolsistas de Estágio Interno complementar vinculados ao Cetreina/UERJ.

Para cada projeto desses, precisei buscar cursos para aprender a usar os programas. Para a revista eletrônica do laboratório precisei aprender sobre o software *Open Journal Systems* que é o software que cria as revistas *online* e por meses testar seu funcionamento. Para o projeto UERJianos pelo mundo aprendi a usar o blogger do google e conhecer suas interfaces; para o AVA precisei aprender sobre o software *Moodle*. Aprender como esses softwares operam no ajudam a '*fazerpensar*' suas

possibilidades pedagógicas, se por ventura eu não sei como eles funcionam não consigo saber sobre o seu potencial para a área da educação e como podemos fazer uso deles para aprender e ensinar.

Por isso, quem atua como pedagogo na área de tecnologias precisa estar em constante atualização e atenção para o que emerge de artefato na cibercultura, ser curioso para testar, manipular e assim perceber seu potencial de uso pedagógico.

Para finalizar este texto que teve como objetivo apresentar o relato da minha experiência e itinerância enquanto pedagoga atuando na área de tecnologias na UERJ digo que diante de todo esse percurso realizado por mim atuando nesta área percebo o quanto ter um perfil curioso como menciona Paulo Freire (2003) é importante.

Estar atento e bem-informado, sintonizado com o que acontece na cibercultura e com os fenômenos que nela emergem, pois o que estudamos na graduação ainda é pouco diante da realidade vivida pelo pedagogo nesse entrelaçamento com as tecnologias.

É preciso investir em cursos, participar de eventos, como por exemplo a ABCIBER, que é um evento sobre Cibercultura e seus fenômenos, o *MoodleMoot*, este um evento específico sobre o software *Moodle*, que é o software que administra e gerencia cursos *online*, cada vez mais os pedagogos estão e estarão atuando no *online*, por isso é fundamental manter esse percurso curioso e de aprendizagem sempre em movimento.

A atuação do pedagogo no trabalho com as tecnologias digitais na educação se faz necessário, pois é esse profissional que em sua formação estuda mais as relações humanas e suas possibilidades de aprender e ensinar de modo mais amplo e tem a possibilidade de articular esses saberes e como eles podem ser articulados no *online*, com as tecnologias digitais, a partir da minha experiência foi possível constatar, por exemplo, o quanto o pedagogo é relevante no momento da construção de um desenho didático

no ambiente virtual de aprendizagem e em outras situações de construções didáticas e pedagógicas nos ambientes *online*.

A seguir e para melhor sistematizar elenco algumas possibilidades de leituras sobre educação *online*, que envolvem a pedagogia e a tecnologia, e eventos na área para os interessados na temática:

| Livros | Eventos |
|--|--|
| <p>LEMOS, André; CUNHA, Paulo (Orgs.). Olhares sobre a Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003.</p> <p>LÉVY. Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro, Ed. 24, 1993.</p> <p>SANTAELLA, Lúcia. A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.</p> <p>SANTOS, Edmea; ALVES, Lynn (Org.). Práticas pedagógicas e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: E-papers, 2006</p> | <p>Encontro Internacional Docência e Cibercultura - http://e-doc.pro.br/home</p> <p>Simpósio Nacional da ABCIBER - https://abciber.org.br</p> <p>Moodle Moot Brasil - https://moodlebrasil.org/</p> <p>Simpósio Internacional de Educação e Comunicação - SIMEDUC - https://simeduc.geces.com.br/</p> <p>Seminário Educação na Cibercultura - https://www.educiber.pro.br/primeiro_seminario/</p> <p>Seminário Web Currículo - https://www.pucsp.br/webcurriculo</p> |

| | |
|---|---|
| <p>SILVA, Marco, PESCE, Lucila; ZUIN, Antonio (Orgs.). Educação online: cenário, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro: Wak, 2010.</p> <p>SILVA, Marco. Sala de aula interativa. 7ª ed. – São Paulo: Loyola, 2014.</p> | <p>Seminário Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias - http://www.seminario redes.com.br/</p> |
|---|---|

Referências

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: Inês Barbosa de Oliveira e Nilda Alves (Org.). **Pesquisa nos/dos /com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes**. Petrópolis: DP et Alii, 2008, p. 14-38.

AMARAL, Mirian Maia do. **Autorias docente e discente: pilares de sustentabilidade na produção textual e imagética em redes educativas presenciais e online**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estácio de Sá – Rio de Janeiro, 2014.

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: Joaquim Barbosa (Org.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998, p. 24-41.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 22 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

MACEDO, Roberto S. **Trajectoria, itinerário, itinerância e errância: perspectivando o currículo enquanto crisálida**. ANPED 2000. Disponível em: <http://23reuniao.anped.org.br/textos/1224t.PDF>. Acessado em: 16.06.2016.

____. **A pesquisa e o acontecimento:** compreender situações, experiências e saberes acontecimentos. Salvador: EDUFBA, 2016.

SANTOS, Edméa. **Pesquisando com a mobilidade ubíqua em redes sociais da internet:** um case com o Twitter. Revista COM CIÊNCIA. N. 139, online, jun. 2012. Disponível em:
<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=74&id=932>. Acessado em: 06.10.2020.

SANTOS, Rosemary. **Formação de formadores e educação superior na cibercultura:** itinerâncias de grupos de pesquisa no Facebook. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro, 2015.

SILVA, R. **Moodle para autores e tutores.** 3 ed. São Paulo: Novatec Editora, 2013.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.